

REFLEXÕES SOBRE "A RELIGIÃO DO FUTURO"

Reflections about "The Religion of the Future"

Paulo Thomas Korte

RESUMO: Este artigo faz uma crítica ao texto "A Religião do Futuro" de Roberto Mangabeira Unger. O referido autor diz entender o cristianismo por dentro. Veremos se quando ele fala do cristianismo, ao afirmar que está falando por dentro, realmente tem credenciais para falar deste lado, pois seria incompatível com a condição de descrente. Diz também que haverá a obrigação de solidariedade na sua religião do futuro. E é possível considerar obrigatoriedade sem que haja punição? Será possível obrigar uma pessoa ser solidária, sendo punida se não assim não agir? Defende o autor ainda que a nova religião do futuro não tenha ídolo e que seja crente em uma sociedade sem bases sólidas, e que a morte existe. Evidente que estas são crenças da nova religião, pois uma outra religião pode ter crenças diferentes e nem por isso estar errada. Neste campo do sagrado não há necessidade de comprovação, mas apenas de experiência. Embora seja infeliz em sua descrição da nova religião, o autor é feliz ao descrever o objetivo dela, ou seja, levar a todos ao círculo de amor que todos fazemos parte, conscientemente ou não.

PALAVRAS-CHAVE: a religião do futuro – cristianismo – ídolo – amor – religião

ABSTRACT: This article criticizes the text "The Religion of the Future" from Roberto Mangabeira Unger. The referred author affirms to have a deep comprehension about christianism. It will be verified if when he says about christianism, affirming that he is saying about it from the inside; he really has credits to say about the inside, because being

that, it would be incompatible with the unfaithful status. He also says that the religion of the future will have the mandatory solidarity. Is it possible to consider mandatory without having punishment? Is it possible to obligate a person to be solidary being punished if it would not be? The author defends that the new religion would not have any idol and that it would believe in a healthy ground society and that the death exists. It is evident that these are the faiths of the new religion because another religion may have different faiths and not for that would be wrong. On this sacred field there is no need of evidence but just the experience. Although the author is unfortunate on his description of the new religion, he is fortunate in describing the aim of it, what means to bring everybody to the circle of love that all of us belong consciously or unconsciously.

KEY-WORDS: the religion of the future – cristianism – idol – love – religion

Sumário: 1. Introdução. 2. “A” ou “uma” religião do futuro ?. 3 Elementos extraídos da “religião do futuro” e suas críticas. 4. Conclusão

1. Introdução

Outro dia li um texto intitulado “A religião do futuro”. Quem me sugeriu a leitura foi um grande amigo e professor que tenho muito respeito e admiração. E de fato, acredito eu, que

conhecendo-me como conhece, e bom professor que é, viu no texto indicado uma forma de trazer para o meu espírito algo de novo.

A leitura mais do que prazer, trouxe provocação. Ou melhor, trouxe prazer na provocação. A provocação positiva que aguçou meu espírito, aborrecendo-o um pouco, e ao final, pacificou-me ainda mais e deu mais força a minha fé. Segundo John Stuart Mill, é importante que se coloque a verdade para ser contraditada sempre, pois sem a contradição não há a confirmação. Além disso, se a contradição for boa e pertinente, o ser humano pode alterar a ideia que antes aparentava ser verdade, para chegar mais próximo da “verdade verdadeira”. E, se após a contradição, nada for alterado com relação ao que se pensava antes, o mínimo o que pode acontecer é esmerar-se na forma de comunicação da sua verdade, melhorando os conceitos e os argumentos. Penso que foi esta última hipótese que se concretizou ao ler o texto que iremos comentar.

Vamos começar pelo começo. O texto traz uma proposta de “revolução na consciência religiosa da humanidade”, partida de alguém que diz categoricamente: “eu não sou um crente”, e reafirma a frase anterior dizendo que “não finjo que existe uma posição intermediária entre acreditar e não acreditar”. E, em seguida antes de propor a sua religião, a qual intitulou “a” religião do futuro, critica o cristianismo dizendo se valer da única religião que conhece, “por assim dizer, por dentro”.

Bom, não sei como alguém que afirma não crer, pode dizer que conhece o cristianismo por dentro. Pode conhecer o cristianismo, mas não por dentro. Apenas por fora. Se de dentro já há muitas lentes diferentes para se observar o cristianismo, por fora então o número é infinitamente maior, e as lentes são ainda mais míopes, pois tentam falar de algo sem conhecer, seria como falar de um determinado vinho sem o provar.

O fato é que existem muitos cristianismos, e muito são diferentes entre si, mas em **todos**, a crença é a porta de entrada, pois se não for, não é cristianismo, é outra coisa, mas não cristianismo. Sem crer, não se entra. Fica de fora olhando, admirando ou criticando, mas de fora. A crença em Cristo é a porta de entrada do cristianismo. E que crença é essa? A de que Cristo leva à Salvação. Se não há esta crença, a pessoa não pode falar do cristianismo de dentro, pode falar de fora, mas de dentro não.

Agora o que seria esta Salvação e/ou Libertação, aí sim podemos encontrar nas palavras e nas ideias diversas maneiras de interpretação e de experiência. Libertação da vida finita, do sofrimento, da angústia, do apego à forma ou à substância, podemos achar inúmeras interpretações. Mas nenhuma delas, repito, nenhuma forma de cristianismo, visto de dentro, coloca em dúvida a existência de Cristo e o fato de que Ele leve à Salvação.

Então, feitas estas considerações, entendo que o escritor do texto em análise, fala de um cristianismo, mas de fora, e não de dentro. Mesmo porque, críticas como a de que “O ensinamento social da igreja teria como foco a rejeição das instituições políticas, econômicas e sociais atuais”, não encontram, de nenhuma forma amparo na realidade interna.

A influência do cristianismo dentro do Estado, tendo inclusive número considerável de deputados, senadores, e ainda, de partidos, ao menos no Brasil, mostra que ao contrário de rejeitar as instituições políticas, a igreja tem se aproximado cada vez mais delas, influenciando-as direta e indiretamente. E isso também se dá no âmbito social e econômico, pois o cristianismo, seja católico, evangélico ou espírita, não realiza trabalhos sociais exclusivamente aos seus seguidores, mas incluem também todos aqueles que o procuram, na maioria das vezes, sem exigir nada em troca.

De qualquer forma, o que propõe o autor em seu texto ora sobre análise é “A” religião do futuro, sendo que destacamos alguns pontos que merecem atenção especial:

2. “A” ou “uma” religião do futuro ?

A primeira questão é o próprio título do texto: "A" religião do futuro. Em um primeiro momento pensei que o autor quisesse dizer "uma" religião do futuro. Aí sim, poderia ter escrito o que bem entendesse, e sem merecer as críticas que aqui são feitas, pois, "uma" religião do futuro certamente encontra amparo no direito de liberdade religiosa. Criar uma nova religião, com bases novas, com novos ídolos, ou sem eles, é algo absolutamente compreensível e aceitável. É bem verdade que a criação de uma nova religião, traz em si, uma crítica velada às outras que não atingiram o objetivo, ao menos para o criador da nova religião. Mas quando o autor desta nova religião critica expressamente outra, também fica a mercê de receber críticas, e a seguir seguem algumas:

3. Elementos extraídos “da religião do futuro” e suas críticas

O autor de "a religião do futuro" parte de algumas premissas que merecem especial atenção:

- a) **Tomada do poder:** “A primeira parte do programa consiste no despertar do estado semi-consciente no qual normalmente vivemos nossas vidas. Ela tem como objetivo nos arrancar das rotinas consoladoras da sociedade e da cultura. Ao encarar a morte de frente e o fato de que vivemos num mundo desprovido de bases sólidas.”

Esta primeira etapa do programa desta religião é comum a toda revolução de consciência. Sair de um estado de consciência para outro, intitulado o anterior de inconsciência, semi-consciência, ou ignorância, é a proposta de todas as religiões. A questão da rotina consoladora tem a mesma abordagem, ou seja, quem procura uma nova religião, de fato, é porque não se encontra feliz na que está. E assim, a infelicidade faz com que ela saia de onde está, e procure algo novo que a faça feliz. Assim, é difícil acreditar que uma pessoa saia realmente da zona de conforto, ou utilizando a expressão do autor, *de uma rotina consoladora da sociedade*, se não há algo que a incomode, pela dor ou pelo amor, sentimentos estes muitas vezes coexistentes. E essa primeira etapa, à evidência, é comum a grande parte das religiões. Ou seja, nada de novo.

Nesta primeira parte o autor diz também que "vivemos em um mundo desprovido de bases sólidas". Ora isso é uma crença! Crer que vivemos em um mundo de bases sólidas, é exatamente a mesma coisa do que crer que vivemos em um mundo sem estas bases sólidas. É apenas uma crença! A experiência de cada um é que vai dizer se esta crença se transformou em conhecimento ou não. E pouco importa que este conhecimento seja coletivo, ou seja colocado a prova por métodos científicos. O ser humano em sua complexidade não exige que tudo que lhe é informado seja colocado a prova. Como a gama de conhecimento é muito vasta, o ser humano tem a faculdade de crer em outro ser humano. Assim, a transmissão de conhecimento se faz também por uma crença que pode ser até mesmo intitulado de ídolo, ainda que por um pequeno espaço de tempo. Então, nesta primeira parte, o autor expõe que "a" religião do futuro deverá ter uma crença, que parece ser a dele, ou seja, de que "vivemos em um mundo desprovido de bases sólidas". Respeito esta crença, mas é a dele, não a minha.

b) Da obrigação da solidariedade.

Diz o autor que esta nova religião do futuro terá a "obrigação de solidariedade":

"O fracasso da solidariedade fora do círculo familiar não pode ser remediado apenas com transferências de dinheiro. Ela requer o desenvolvimento e aplicação do princípio que todo adulto capaz deve, durante certos períodos da sua vida ou por parte do seu tempo, sempre ser responsável por ajudar a cuidar de pessoas fora da sua família, de acordo com o seu talento e disposição. Dinheiro, sem tempo e engajamento, não é o suficiente para fornecer para cada indivíduo uma resposta para a questão mais importante: onde estão os outros? Ao insistir na primazia dessa questão ficamos cara-a-cara com a fraqueza humana em todas suas formas e damos as costas à idolatria do poder que poderia corromper a religião do futuro. Dessas considerações surge o argumento favorável para o serviço social voluntário e também obrigatório."

O autor trata aqui de um problema muito sério que é a falta de solidariedade entre as pessoas, mas propõe uma solução absolutamente ineficaz e incoerente. Serviço social obrigatório ocorre apenas em casos de pena alternativa de direito. Fazer com que um ser humano faça serviço social obrigatório como uma forma de enxergar o outro, pode até dar certo, mas é uma ideia absolutamente contrária ao espírito da solidariedade. Solidariedade deve ser absolutamente voluntária, senão não é solidariedade é obrigação. E ninguém pode ser obrigado a ser solidário, porque se o for, deverá haver uma punição por deixar de sê-lo. Sem punição não há como obrigar alguém a ser solidário. E se houver punição não será solidariedade e sim, serviço obrigatório, e se não for remunerado, seria um serviço escravo.

Um pai obrigar o filho a fazer serviços sociais é uma coisa. Há um aspecto pedagógico nisso, dada a relação de educação e amor que existe entre um pai e um filho, e de pátrio poder. Agora, uma religião, ou um estado obrigar que alguém faça serviços sociais, sem dúvida seria violar

o direito individual do cidadão de colocar seu tempo aonde bem entender. Não se poderia admitir tal figura em um regime democrático, mas apenas em um regime totalitário seja de direita ou de esquerda. Esta proposta de solidariedade obrigatória cheira mal, muito mal.

c) **Recompensa**

Continua o autor dizendo que a:

"Nossa recompensa é ter chance maior de forjar uma conexão com outras pessoas — reconhecer e aceitá-las como seres transcendentais-de-contexto — isto é, transcendentais de classe, raça, gênero e papel — indivíduos que afirmamos ser sem abrir mão do que temos de distinto e oculto (*separateness and hiddenness*). É também, portanto, ver aumentado o círculo invisível do amor do qual todos nós fazemos parte mesmo quando não conseguimos amar aqueles que não estão no nosso círculo de conhecidos."

"Nossa recompensa é o mundo real e multifacetado, do qual nós, como uma cultura e sociedade organizada, não desistiríamos, mas que, como natureza e cosmos, possuiremos mais plenamente". Possuí-lo mais plenamente significa aliviar o peso dos esquemas categóricos através dos quais o vemos e interpretamos. Significa afirmar os nossos poderes de transcendência em relação aos nossos métodos e pressupostos e também em relação às nossas instituições e práticas. Significa acreditar que a humanidade tem o poder de participar mais ativamente na experiência da genialidade, que não consiste em pensar mais, mas em perceber mais.

”Tais resultados serão as causas e as consequências da intensificação da experiência, da concentração da vida no instante, que é a única resposta à mortalidade e à contingência que, com a iluminação religião do futuro, temos o direito de acreditar.”

O que é dito aqui em nada difere de outras religiões. Este "aumento do círculo invisível do amor do qual todos nós fazemos parte mesmo quando não conseguimos amar" é a proposta de muitas religiões, e em especial do cristianismo. Porém o cristianismo dá nome a este "círculo invisível de amor" que ele chama de Espírito Santo, que foi deixado por Jesus para chegar à Deus. No budismo este círculo de amor invisível de que todos fazem parte é a natureza búdica. Ou seja, há aqui uma contradição do autor com sua autodenominação de descrente. Se ele crê que há “um círculo de amor invisível do qual todos nós fazemos parte”, ele não é um descrente. Talvez ele mesmo esteja enganado de suas convicções”. Ele crê nisto, neste círculo, no qual muitas outras pessoas não creem. Só que a "sua" religião do futuro dá apenas um nome diferente a este "círculo de amor invisível". São apenas palavras diferentes para designar a mesma substância abstrata.

E aqui há total convergência entre as ideias do texto e o cristianismo, ou seja, de que realmente há um círculo de amor invisível, e neste aspecto, com esta crença do autor, pode dizer que ele poderia falar do cristianismo de dentro, mesmo dizendo não ser crente, porque na medida em que acredita neste amor, ainda que lhe dê outro nome que não Jesus, Espírito Santo ou Deus, ele é um crente. O fato de acreditar neste amor o credencia, a partir daqui, a falar do cristianismo de dentro, mas deve ter o cuidado de não se intitular como um descrente, porque quem acredita neste "círculo de amor invisível" não é um descrente, é um crente, e um crente fervoroso. É compreensível que muitos intelectuais se intitulem descrentes para não se submeterem a outra pessoa ou a um ídolo, ou quererem manter sua autonomia intelectual. Esta submissão parece que tira do ser humano o que há de mais nobre dentro dele que é a liberdade. Mas, a grande questão é

que a ideia da existência de um ídolo cumpre apenas um aspecto pedagógico nas religiões e que é o que veremos a seguir. Não há mal ter mestres, professores, nem tampouco ídolos que você siga por que neles acredita. Mas talvez seja este o medo que faz um crente se dizer descrente, ainda que seja um crente fervoroso.

d) Uma nova Pedagogia

O autor de “A religião do futuro” critica a existência dos ídolos nas religiões ao dizer que "Assim sendo, enquanto vivermos teremos uma vida maior, nos afastando dos ídolos, porém nos aproximando um do outro. Seremos eternos, temporariamente." A crítica a existência dos ídolos não é coisa nova. Nietzsche fez isso, e outros fizeram também. A psicologia classificaria isso no complexo de Édipo, pelo qual o ser humano deseja a morte do pai para poder ficar com a mãe. A morte do ídolo é a morte do pai. E ele é benéfica, mas desde que ocorra no tempo certo.

Por um tempo, uma criança precisa do pai, para protegê-la, para alimentá-la, para dar-lhe exemplo e inserir na vida social. Da mesma forma, a consciência natural precisa de um ídolo no início de seu desenvolvimento. Os cristãos ficaram famosos porque cuidavam dos leprosos, em uma época que nem seus próprios familiares tinham coragem de fazê-lo. E isso acontecia porque eles seguiam um exemplo, um ídolo.

A ausência de ídolo faz a truculência na pedagogia. E aqui volto à crítica a respeito da obrigatoriedade da solidariedade. Nesta “religião do futuro” os seus integrantes seriam obrigados a um serviço social, e certamente seriam punidos se não o fizessem. No cristianismo, os cristãos fazem isso, em um primeiro momento porque imitam seu ídolo, e depois porque entendem a razão do gesto, e continuam fazendo simplesmente porque aquilo lhe faz bem. Sim, podem imitar Cristo

em um momento, mas depois de estar com sua fé madura, o cristão continua solidário, não mais por imitar o Mestre, mas porque entendeu que aquele é o caminho certo para exercer o amor.

A crítica pertinente é justamente para a religião que vê no ídolo o fim em si mesmo, ou seja, que tem o ídolo não como uma porta para o caminho, mas sim o caminho em si. Ai o resultado realmente é o descrito pelo autor, ou seja, de apequenamento do ser humano, pois nenhum ser humano pode ficar submisso a outro, sem se apequenar.

Mas quando o ser humano atribui a outro a condição de mestre, não necessariamente está abrindo mão de sua liberdade. Esta abrindo mão temporariamente da liberdade de em muitos casos, querer inventar a roda novamente. Por que inventar a roda se outros já a inventaram, para receber à glória e à graça de tê-la inventado e dar a ela um outro nome que não roda, para parecer que ele mesmo que a inventou ? Ora, esta “religião do futuro” realmente parece a invenção da roda, com outro nome. E nesta religião do futuro quem seria o ídolo. Ora, nada mais do que aquele que a profetizou, ou seja, não haveria mudança alguma. Mesmo porque, seria esta pessoa que deveria esclarecer eventuais dúvidas que os seguidores desta “religião do futuro” tivessem ao segui-la.

Enfim, a questão da existência de ídolos não apequena, de forma alguma o ser humano, porque são estes ídolos que podem ajudá-lo a obter uma nova consciência.

É inevitável que em qualquer religião ou ciência surjam ídolos, que serão representados por aquelas pessoas que mais detém o conhecimento sobre aquela determinada religião ou ciência.

O que acontece é que enquanto os crentes adoram seus ídolos, os não crentes adoram aquele reflexo que há no espelho, admirando a própria liberdade de raciocinar, como se realmente fosse liberdade. Mas estão presos, dentro da própria crença, que lhes parece conhecimento puro, do

que realmente são. Ficam presos às suas formações psíquicas do Eu, solidificadas na expressão da forma que se apresenta no espelho, e se entendem por livres, por não adorarem ídolos. Mas este Eu, de consistente, não tem nada, porque é justamente aí que reside a ignorância denunciada pelo cristianismo e o budismo. A ignorância da compreensão do eu.

E é a existência individual de um Eu que causa no ser humano a alucinação de estar separado das outras pessoas, gerando com isso, a ganância, a raiva e a ignorância. Porém para que o ser humano saia deste estado de consciência equivocado é preciso por um tempo idolatrar outro ser mais perfeito, tempo este suficiente para deixar de idolatrar a si mesmo que é o que ocorre naqueles que não tem ídolos e que criticam quem os tem, mas quando olham no espelho, sentem o prazer de serem o que acham que são, sem ídolos, sem mestres, donos de sua própria vontade, achando-se intelectual e psicologicamente livres.

4. Conclusão

Na filosofia não é difícil encontrar divergências de conceitos, que aparentemente parecem conflitos de ideias. O que se extrai do texto intitulado "A religião do futuro" é uma tentativa de melhorar a humanidade levando-a a consciência da existência do "circulo de amor invisível". A atitude é nobre. Porém, faltou um pouco de humildade ao seu autor. Primeiro porque intitulou como sendo "a" religião do futuro e não "uma" religião do futuro. Esta expressão da a entender que as outras todas religiões estão equivocadas e que só sobrarão esta, a proposta, que tem uma visão do futuro melhor que a das outras. Pode até ser, mas seria no mínimo subestimar as demais religiões, algumas com mais de 3000 anos de vida, e também subestimar os bilhões de seres humanos que se dizem religiosos.

A tentativa da filosofia é de pensar os problemas da humanidade, e com isso, querendo ou não, acaba diminuindo a sua angústia. Porém, a missão da religião não é muito diferente disso. O que muda é o método de ensino, mas mesmo na filosofia, os discípulos escolhem um ou outro autor com que se identificam, não se libertando do mimetismo que há nas religiões, e utilizando o argumento de autoridade para reforçar seu próprio convencimento.

De qualquer forma, o que importa aqui é mostrar que não há como surgir uma religião, muito menos que se intitule "a" religião do futuro, sem que haja a premissa de que os discípulos só se filiarão a ela se ela trouxer uma maior consciência e conseqüentemente diminuir a angústia de seus seguidores. Esta nova religião também não poderá se eximir de apresentar líderes para que os seguidores resolvam suas dúvidas. Também não poderá deixar de ter textos básicos nos quais os seguidores se baseiam, textos estes escritos por pessoas, que certamente, se causarem bem aos outros serão adorados, e portanto, idolatrados ainda que por apenas algum tempo.

Mas o que realmente importa é a recompensa que esta nova religião promete, que é a mesma prometida pelas outras religiões, ou seja, **o encontro com o círculo de amor infinito, do qual todos fazemos parte, querendo ou não.** É na consciência deste círculo de amor que o ser humano se sente verdadeiramente feliz, encontrando sentido em sua própria vida, e com isso, automaticamente se torna mais solidário, porque percebe que o outro, na verdade, não existe como um ser individual e isolado. Todos estão umbilicalmente ligados, de forma que a plenitude individual só pode ser alcançada permanentemente com a plenitude coletiva.

Assim, apesar das críticas aqui traçadas quanto ao modo de apresentação do autor sobre "a" **sua** religião do futuro, vejo nela uma convergência muito grande com o cristianismo, ao acreditar neste círculo de amor infinito, do qual todos fazemos parte, querendo ou não.

Agora, como chegar à consciência deste círculo de amor é mesmo melhor que tenhamos diversos caminhos para que todos os diversos seres humanos, criados em diferentes culturas, cheguem a ele, sem nenhuma necessidade de ter apenas uma estrada para levar todos até lá. Neste assunto, se a religião é séria, não há competição, só cooperação, para que todos cheguem, no seu tempo e modo, a esta mesma compreensão do círculo de amor que todos nós fazemos parte, de um jeito ou de outro.